



REDAC
TOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)
Oficinas de impressão - R. da Atalaia, 154

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa - PORTUGAL
End. teleg. Talhada - Lisboa • Telefone:

OBRE A GREVE DE NOVEMBRO

Accção da U.O.N.

Relatório da Comissão Administrativa
apresentado ao Conselho Central

(Concluído)

Na província da Estremadura, onde a organização é restrita, aparte manifestações isoladas de apoio ao movimento, produzidas em Alpiarça e em Almeirim, nada mais houve a afirmar o espírito de consciência da classe operária.

Onde essa consciência se revelou, em manifestações de inequívoca solidariedade com um movimento que se impõe pela sua justiça, foi numa parte da província do Alentejo, naquela região onde os homens de trabalho se não negam a cooperar com o seu esforço, sempre contado com entusiasmo, na luta pela melhoria da situação económica dos que produzem, embora por isso mesmo elas e as suas organizações de classe sejam especialmente visadas pelas autoridades, que não cessam de perseguir-los.

O proletariado da cidade de Evora conservou-se, durante oito dias em greve, numa unanimidade admirável, havendo tido também uma bela condução das populações rurais do distrito, nomeadamente as de Redondo, S. Manços, Torre de Coelheiros, Montemor, S. Tiago do Escoural, etc., solidária tendo sido também a população trabalhadora de Souzal, no distrito de Portalegre, e, no distrito de Beja, os valentes camaradas do concelho de Odemira, especialmente os do Vale de S. Tiago e daquela vila, que lutaram esforçosamente pelo triunfo das reivindicações da U.O.N., motivo porque, fracassado o movimento, quase todos os elementos de maior combatividade foram vítimas das mais violentas perseguições, que chegaram à deportação para Loanda, sem julgamento nem processo, de trinta camaradas nossos.

Na província do Algarve também o movimento de 18 de Novembro foi secundado com fé, especialmente em Portimão, onde a respectiva população operária, sobretudo o elemento marítimo, batalhou com vigor pela consecução das reivindicações da Central dos Sindicatos, defrontando-se, por vezes, com tropas, que matou alguma camaradas nossos, havendo ainda sido duramente perseguidos, por virtude da greve, vários elementos que à causa operária, assim prestaram bons serviços, entre estes José Buisel e Neves Anacleto. Também no Olhão os operários soldados se conduziram bem, tendo estando sete dias parados.

O operariado de Setúbal, apesar de algo dividido por lutas intestinas, a que segue pôr termo, não deixou perder ênfase às suas tradições revolucionárias, comportando-se, perante a greve, da maneira brios, só tendo retomado o trabalho após indicação que nesse sentido lhe foi dada pela U.O.N. Bem se conduziu também o proletariado de Silves, que acompanhou com dedicação o movimento, especialmente o elemento corticeiro, havendo sido presos alguns camaradas pertencentes a esta corporação.

O proletariado de Lisboa, que habitualmente sabe solidarizar-se com todos os movimentos de ordem económica e social que se caracterizem por um grande fundo de justiça, não honrou desta vez as suas tradições revolucionárias, antes se distinguiu por uma atitude de fies que surpreendeu até os mais scepticos.

Ninguém diria, ao vê-lo manifestar-se as grandes reuniões que precederam o movimento, que, perante este, se conduzisse com fruixão que verificou-se, parecendo-nos que não tinha ento a verdadeira noção da importância do acontecimento que se estava desenrolando, nem das consequências a que a sua atitude poderia dar lugar em relação aquelas das corporações que, conscientes dos seus deveres, haviam ido para a luta plenas de fé e de consciência.

Clemenceau e a C.G.T.

Mentira - Razão de Estado

Cumprindo uma resolução do Comité Confederal Nacional e imitando o acto praticado em 3 de Maio pela C.G.T. italiana, uma delegação de militantes operários das grandes cidades francesas foi expor a Clemenceau a reivindicações de momento da classe trabalhadora: desmobilização, amnistia, não intervenção na Rússia.

E Clemenceau fez toda a espécie de promessas...

Quanto à desmobilização, que já havia cerca de dois milhões de homens desmobilizados e que o resto há de ser desmobilizado logo que esteja firmado o tratado da paz.

A respeito da amnistia, podiam os delegados ficar certos de que muito breve será tomada uma "medida de pacificação" o mais ampla possível. Serão amnistados todos os delitos militares, incluindo insubordinações, mas excluindo os crimes de traição. O governo reserva para si o direito, em todo o caso, de examinar certos casos especiais...

Quanto à intervenção na Rússia, declarou o chefe do governo seu opinião que nenhuma interferência deve haver nos negócios internos da Rússia! O governo francês ordenou ultimamente a evacuação dos territórios russos e nomeadamente em Odessa, quando ele tiver a certeza de que os povos amigos da França e vizinhos da Rússia poderão viver livremente a coberto dos ataques das legiões russas, serão repartidas as acções...

BERNE, 4 - Toda a imprensa austriaca protesta violentamente contra as condições da paz propostas pela Entente, que seriam a ruína da Áustria e da Alemanha, posto que confia num possível

Conferência da Paz

Condições de paz

VERSAILLES, 4 - O sr. Brodorff enviou parte da tradução francesa e os anexos financeiros, económicos e jurídicos.

O sr. Bill, ministro das colônias, partiu para a Alemanha. - H.

Protesto contra as condições de paz

BERNE, 4 - Toda a imprensa austriaca protesta violentamente contra as condições da paz propostas pela Entente, que seriam a ruína da Áustria e da Alemanha, posto que confia num possível

acordo. - H.

ABATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O TRATADO

DE BREST-VERSALHES

UMA PROCLAMAÇÃO DA
INTERNACIONAL COMUNISTA

A Junta Central executiva da Internacional Comunista - a Terceira Internacional, de iniciativa bolchevista - radio-telegrafado ao mundo a proclamação seguinte:

"Os Governos, que há cinco anos desencadearam a guerra mundial de banditismo, entregaram em Versalhes aos representantes da burguesia alemã as chamadas condições de paz. Cada parágrafo de tal tratado é um no corredor estrangular éste ou aquele povo. A burguesia dos países Aliados pretende matificar a Alemanha.

"Os imperialistas da Entente empreenderam uma expedição de carrascos contra a República dos Soviéticos húngaros, lançaram bandos de selvagens sobre Budapeste, inspiraram os Cem-Negros russos de Koltchak, Denikine, Krasnov, na sua luta sangrenta contra a classe operária e rural russa. Oprimem a República soviética bávara de Munich; desarmaram tropas revolucionárias de Bulgária; sufocaram o movimento popular revolucionário na Sérvia e na Eslavónia. Depois da paz de Versalhes, são cortadas todas as pontes.

"Os poucos operários que morderam a isca da Liga das Nações, a classe operária alemã, os trabalhadores e comunistas de todos os países compreenderam que as condições de paz de Versalhes são um golpe dirigido contra o proletariado internacional e que só poderia ser apurado com as forças reunidas do proletariado de todos os países.

"O partido de Scheidemann e de Ebert desde o primeiro dia da revolução alemã que dansa subrisso ao som da flauta de Clemenceau. O governo de Scheidemann, cumprindo as ordens da burguesia de Londres e de Paris, já extermínou algumas dezenas de milhares de operários comunistas. Sempre que o fluxo do movimento operário na Alemanha se torna mais forte e de cada vez que os trabalhadores fiamos falam em estabelecer ali o poder dos Soviéticos, as Potências Aliadas recusam ao povo germânico um pedaço de pão.

"Operários franceses, ingleses, americanos, italianos, alemães e austriacos, operários conscientes de todo o mundo, temos a certeza de que cumprirão o vosso dever, a despeito dos conselhos dos Scheidemann e dos Noske.

"A emancipação dos oprimidos está na revolução mundial do proletariado. Da luta de Versalhes vira a ditadura do proletariado.

"Abajo a paz de Versalhes! Viva o regime de Soviéticos! O presidente da Junta Central Executiva da Internacional, Zinoviev.

• • •

O famigerado Koltchak

A imprensa burguesa tem últimamente falado pouco do avanço de Koltchak, o ditador siberiano. Porque será? O mistério é explicado por um radiograma de Chicherin: o almirante tsarista levou abundante tapona.

Depois de ter concentrado grandes forças na região do rio Biala, iniciou a sua ofensiva em fins de Março na zona de Ufa-Birk. Aproveitando as vias férreas à sua disposição, seguiu com rapidez a retirada bolchevista, e em 20 de Abril ocupou Bugaruslans, Sergueiev e Chistopol, enquanto os bolcheviques retiravam para o norte do rio Viatka e ao sul sobre Orenburg.

Mas aquilo foi só de pouca duração. Chegaram os reforços do exército vermelho, que, no começo de Maio, fez uma contra-ofensiva fulminante, retomando as localidades ocupadas.

Para salvar a situação, Koltchak arremessou para o combate as suas últimas reservas, mas estas foram a seu turno destruídas, e as tropas do ditador desbandaram em desordem ao longo do Biala.

Agora é de Petrogrado que os falam... Petrogrado fica na orla, a sua porta não seria um golpe de morte... Mas aguardemos com paciência.

• • •

Hay que distinguir

Apresenta o Combate, diário socialista, a marchando movimento operário dos últimos tempos, e repara que não tem sido glóriosas as greves recentes, "nem sequer outros movimentos, como o anunculado, sobre a carestia da vida, e que, infelizmente, constituiu um fracasso pelo pouco lisonjero".

A organização operária conta no seu activo derrotas, mas também conta vitórias, o que significa que de algum modo se tem afirmado, podendo acrescentar-se ainda que em todas as conjunturas, boas ou más, tem tido a coragem de assumir a responsabilidade dos seus actos.

Não se pode dizer o mesmo do partido de que o Combate é órgão, porque não nos consta que no campo revolucionário haja tido derrotas ou vitórias, o que quer dizer que apenas tem produzido... palavras.

E mais palavras nos anuncia o Combate ao dizer-nos que "o esforço dos deputados socialistas no actual parlamento não se poupará a fazer ouvir nas altas regiões do Estado a voz tremenda da justiça que assiste as reivindicações do operariado".

Seria de temer que o operariado se visse compelido a desistir do sindicalismo, se a ação daquele partido saisse do campo do palavrão. Como isso não sucede, todos nós dormimos tranqüilos.

Os operários tecelões de seda da fábrica do sr. Albino Soares da Silva, mantinham as suas reivindicações de 1880 e 30% de subvenção, com oito horas de trabalho.

• • •

Conferência da Paz

Condições de paz

VERSAILLES, 4 - O sr. Brodorff

enviou parte da tradução francesa e os anexos financeiros, económicos e jurídicos.

O sr. Bill, ministro das colônias, partiu para a Alemanha. - H.

Protesto contra as condições de paz

BERNE, 4 - Toda a imprensa austriaca

protesta violentamente contra as

condições da paz propostas pela Entente,

que seriam a ruína da Áustria e da Alemanha, posto que confia num possível

UM DIA DE FESTA OPERÁRIA

De Lisboa a Vila Franca

Reina grande entusiasmo em todas as classes operárias:

• • •

As greves

Corticeiros de Evora

• • •

PELAS 8 HORAS

afitude dos empregados do comércio

• • •

As greves

Descreve-nos-la um membro da comissão

• • •

As greves

o magnifico problema do horário de trabalho.

• • •

As greves

As sessões seguiam, com a acquisição

• • •

As greves

o decreto das oito horas, que em

• • •

As greves

19 do corrente mês deve entrar em vigor.

• • •

As greves

os assalariados do comércio tem

• • •

As greves

uma grande comissão de sessões de propaganda

• • •

As greves

o magnifico problema do horário de trabalho.

• • •

As greves

As sessões seguiam, com a acquisição

• • •

As greves

o decreto das oito horas, que em

• • •

As greves

19 do corrente mês deve entrar em vigor.

• • •

As greves

os assalariados do comércio tem

• • •

As greves

uma grande comissão de sessões de propaganda

• • •

As greves

OLÍMPIA

O grande sucesso de ontem A ESTREIA

A ESPIRAL DA MORTE

5

Mamarracho na MULHER FATAL, 2 actos

A ZONA DA MORTE

4

Última do PASSADO DE LOLA 4 partes

BREVEMENTE—AS AVENTURAS DE MACISTE—ESTREIA

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislando para os outros

DISCURSOS, LARACHAS & VOTAÇÕES

MENU: O presidente da República renuncia à renúncia. — Nos deputados choram-se os mortos. — O ministro dá as suas despedidas, apresentando o relatório do que fez. — A minoria socialista increpa o governo pelas violências exercidas contra o proletariado. — Prepara-se a receção ao presidente brasileiro. —

***** Aperitivos vários *****

Antes de começarem a funcionar se-
paradamente as duas câmaras, reuniu-
se ontem

Congresso da República

Tratava-se de saber a resposta dada pelo sr. Canto e Castro à comissão parlamentar que o procurava ante-
tem solicitando-lhe continuasse ocupando a presidência da República.

O sr. Correia Barreto, que presidiu à reunião conjunta das duas câmaras, de-
bata a boa nova: o presidente da Repu-
blica que, alegando motivos de saúde, renunciava ao seu elevado cargo, con-
sentiu em permanecer nele mal lhe falaram os altos interesses do Estado.

Ouvido o que falaram representantes de todos os lados da câmara, os socialistas inclusivé, manifestando rego-
nho extremo, e fazendo o elogio do al-
mirante Canto e Castro. Pôsto o que é
encerrada a sessão.

Deputados

O sr. Sá Cardoso quem preside à Junta, iniciada às 14,53. Proclamados os deputados por Faro e Funchal são lidos na mesa os telegramas em que os srs. Afonso Costa e Norton de Matos renunciaram ao seu mandato de deputados. Dão-se depois por anuladas as alterações feitas no regimento da câ-
mara durante a vigência dezembrista.

O presidente recorda em seguida os parlamentares falecidos desde o encer-
ramento da última sessão legislativa, referindo-se em particular ao assassinato de Ribeira Brava e pedindo finalmente um voto de sentimento a exarar na acta.

Nas águas do presidente vão os srs. António Maria da Silva, que se refere a Carvalho Araújo, António Macieira, João Rodrigues, Faustino da Fonseca, etc. António José de Almeida que se atira à ditadura dezembrista como gato a boias, «essa ditadura dezembrista que não se desonrou a si própria porque nunca teve honra», ajuntando que «não dia em que entraíram na cadeia os bandidos que assassinaram Ribeira Brava» será dada à memória desde satisfa-
ção condigna.

Fala depois o sr. Campos Melo, em nome da minoria socialista, associando-se às manifestações pesarosas da câ-
mara, Lembra, declarando que o fa-
tor de questão é amizade pessoal, a memória de António Macieira. Usam ainda da palavra, sempre na mesma ordem de ideias, os srs. Nuno Simões, Sá Pereira, Aresta Branco, João Camoesas, Eduardo de Sousa e Pacheco de Amorim, este último em nome da minoria católica, numa voz afiada e num pose que faz lembrar um periquito

da Guiné.

Só por volta das 16 e um quarto se exgota o lacrimoso assunto. Abre-se a inscrição para antes da ordem, sendo o sr. Eduardo da Sousa o primeiro a falar para anunciar uma interpelação ao ministro da Instrução acerca da Facul-
dade de Letras.

Entram na sala nesta altura os mem-
bros do governo, lendo o presidente do ministro, o relatório da acção gover-
nativa após ter apresentado as despedidas do gabinete.

O sr. António Maria da Silva elogia a obra do governo, por motivos vários e principalmente por ter resolvido questões importantes de ordem pública sem recorrer ao expediente tão usado da suspensão de garantias e por ter busca-
do soluções a várias greves sem lançar mão de violências. Mas entende que o governo se não deve ir sem assistir à discussão dos seus actos.

O sr. Dias da Silva, socialista, após ter saudado o presidente da câmara e o exército português, declara que este combate na Alemanha o militarismo.

Mas está convencido que se o governo mandasse avançar os soldados contra os trabalhadores alemães esses soldados deporiam as armas. Viu que o ministro da guerra actual, não tendo tido cora-
gem para defrontar-se com altos militares em situações especiais, teve cora-
gem todavia para defrontar-se com os operários, forçando-os a trabalhar, como sucedeu com os grevistas da Companhia do Gás. Refere-se seguidamente as barbaridades cometidas pela força em Vila Nova de Gaia, e perguntou em que lei se baseou o governo para consentir ou ordenar o assassinato de dois operários grevistas naquela locali-
dade. Alude ainda à greve da Compa-
nhia União Fabril, relatando que um operário, levado ao colo uma filhinha, de 4 anos, foi assaltado pela guarda pretoriana, maltratado e preso. E con-
clui:

— Não há então no governo quem tem a força para meter na ordem os auto-
res de tais atentados?

O sr. António José de Almeida fulmina de novo, em gestos largos e trove-
jante voz, o sidonismo, e o sr. João Pacheco, com referir-se a ilegalidades, falsificações e violências praticadas nas últimas eleições, provoca protestos que
os camaradas que se acham ineritos nos grupos desportivo e musical devem comparecer hoje, pelas 21 horas, no se-
dial de nícteos e fim de se resolver o ca-
mada e seguir.

Desde as 2 da tarde Matinée e Soirée

A ESPIRAL DA MORTE 5 partes

Mamarracho na MULHER FATAL, 2 actos

A ZONA DA MORTE 4 partes

Última do PASSADO DE LOLA 4 partes

BREVEMENTE—AS AVENTURAS DE MACISTE—ESTREIA

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislando para os outros

DISCURSOS, LARACHAS & VOTAÇÕES

MENU: O presidente da República renuncia à renúncia. — Nos deputados choram-se os mortos. — O ministro dá as suas despedidas, apresentando o relatório do que fez. — A minoria socialista increpa o governo pelas violências exercidas contra o proletariado. — Prepara-se a receção ao presidente brasileiro. —

***** Aperitivos vários *****

Antes de começarem a funcionar se-
paradamente as duas câmaras, reuniu-
se ontem

Congresso da República

Tratava-se de saber a resposta dada pelo sr. Canto e Castro à comissão parlamentar que o procurava ante-
tem solicitando-lhe continuasse ocupando a presidência da República.

O sr. Correia Barreto, que presidiu à reunião conjunta das duas câmaras, de-
bata a boa nova: o presidente da Repu-
blica que, alegando motivos de saúde, renunciava ao seu elevado cargo, con-
sentiu em permanecer nele mal lhe falaram os altos interesses do Estado.

Ouvido o que falaram representantes de todos os lados da câmara, os socialistas inclusivé, manifestando rego-
nho extremo, e fazendo o elogio do al-
mirante Canto e Castro. Pôsto o que é
encerrada a sessão.

Deputados

O sr. Sá Cardoso quem preside à Junta, iniciada às 14,53. Proclamados os deputados por Faro e Funchal são lidos na mesa os telegramas em que os srs. Afonso Costa e Norton de Matos renunciaram ao seu mandato de deputados. Dão-se depois por anuladas as alterações feitas no regimento da câ-
mara durante a vigência dezembrista.

O presidente recorda em seguida os parlamentares falecidos desde o encer-
ramento da última sessão legislativa, referindo-se em particular ao assassinato de Ribeira Brava e pedindo finalmente um voto de sentimento a exarar na acta.

Nas águas do presidente vão os srs. António Maria da Silva, que se refere a Carvalho Araújo, António Macieira, João Rodrigues, Faustino da Fonseca, etc. António José de Almeida que se atira à ditadura dezembrista como gato a boias, «essa ditadura dezembrista que não se desonrou a si própria porque nunca teve honra», ajuntando que «não dia em que entraíram na cadeia os bandidos que assassinaram Ribeira Brava» será dada à memória desde satisfa-
ção condigna.

Fala depois o sr. Campos Melo, em nome da minoria socialista, associando-se às manifestações pesarosas da câ-
mara, Lembra, declarando que o fa-
tor de questão é amizade pessoal, a memória de António Macieira. Usam ainda da palavra, sempre na mesma ordem de ideias, os srs. Nuno Simões, Sá Pereira, Aresta Branco, João Camoesas, Eduardo de Sousa e Pacheco de Amorim, este último em nome da minoria católica, numa voz afiada e num pose que faz lembrar um periquito

da Guiné.

Só por volta das 16 e um quarto se exgota o lacrimoso assunto. Abre-se a inscrição para antes da ordem, sendo o sr. Eduardo da Sousa o primeiro a falar para anunciar uma interpelação ao ministro da Instrução acerca da Facul-
dade de Letras.

Entram na sala nesta altura os mem-
bros do governo, lendo o presidente do ministro, o relatório da acção gover-
nativa após ter apresentado as despedidas do gabinete.

O sr. António Maria da Silva elogia a obra do governo, por motivos vários e principalmente por ter resolvido questões importantes de ordem pública sem recorrer ao expediente tão usado da suspensão de garantias e por ter busca-
do soluções a várias greves sem lançar mão de violências. Mas entende que o governo se não deve ir sem assistir à discussão dos seus actos.

O sr. Dias da Silva, socialista, após ter saudado o presidente da câmara e o exército português, declara que este combate na Alemanha o militarismo.

Mas está convencido que se o governo mandasse avançar os soldados contra os trabalhadores alemães esses soldados deporiam as armas. Viu que o ministro da guerra actual, não tendo tido cora-
gem para defrontar-se com altos militares em situações especiais, teve cora-
gem todavia para defrontar-se com os operários, forçando-os a trabalhar, como sucedeu com os grevistas da Companhia do Gás. Refere-se seguidamente as barbaridades cometidas pela força em Vila Nova de Gaia, e perguntou em que lei se baseou o governo para consentir ou ordenar o assassinato de dois operários grevistas naquela locali-
dade. Alude ainda à greve da Compa-
nhia União Fabril, relatando que um operário, levado ao colo uma filhinha, de 4 anos, foi assaltado pela guarda pretoriana, maltratado e preso. E con-
clui:

— Não há então no governo quem tem a força para meter na ordem os auto-
res de tais atentados?

O sr. António José de Almeida fulmina de novo, em gestos largos e trove-
jante voz, o sidonismo, e o sr. João Pacheco, com referir-se a ilegalidades, falsificações e violências praticadas nas últimas eleições, provoca protestos que
os camaradas que se acham ineritos nos grupos desportivo e musical devem comparecer hoje, pelas 21 horas, no se-
dial de nícteos e fim de se resolver o ca-
mada e seguir.

Desde as 2 da tarde Matinée e Soirée

A ESPIRAL DA MORTE 5 partes

Mamarracho na MULHER FATAL, 2 actos

A ZONA DA MORTE 4 partes

Última do PASSADO DE LOLA 4 partes

BREVEMENTE—AS AVENTURAS DE MACISTE—ESTREIA

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislando para os outros

DISCURSOS, LARACHAS & VOTAÇÕES

MENU: O presidente da República renuncia à renúncia. — Nos deputados choram-se os mortos. — O ministro dá as suas despedidas, apresentando o relatório do que fez. — A minoria socialista increpa o governo pelas violências exercidas contra o proletariado. — Prepara-se a receção ao presidente brasileiro. —

***** Aperitivos vários *****

Antes de começarem a funcionar se-
paradamente as duas câmaras, reuniu-
se ontem

Congresso da República

Tratava-se de saber a resposta dada pelo sr. Canto e Castro à comissão parlamentar que o procurava ante-
tem solicitando-lhe continuasse ocupando a presidência da República.

O sr. Correia Barreto, que presidiu à reunião conjunta das duas câmaras, de-
bata a boa nova: o presidente da Repu-
blica que, alegando motivos de saúde, renunciava ao seu elevado cargo, con-
sentiu em permanecer nele mal lhe falaram os altos interesses do Estado.

Ouvido o que falaram representantes de todos os lados da câmara, os socialistas inclusivé, manifestando rego-
nho extremo, e fazendo o elogio do al-
mirante Canto e Castro. Pôsto o que é
encerrada a sessão.

Deputados

O sr. Sá Cardoso quem preside à Junta, iniciada às 14,53. Proclamados os deputados por Faro e Funchal são lidos na mesa os telegramas em que os srs. Afonso Costa e Norton de Matos renunciaram ao seu mandato de deputados. Dão-se depois por anuladas as alterações feitas no regimento da câ-
mara durante a vigência dezembrista.

Ouvido o que falaram representantes de todos os lados da câmara, os socialistas inclusivé, manifestando rego-
nho extremo, e fazendo o elogio do al-
mirante Canto e Castro. Pôsto o que é
encerrada a sessão.

Desde as 2 da tarde Matinée e Soirée

A ESPIRAL DA MORTE 5 partes

Mamarracho na MULHER FATAL, 2 actos

A ZONA DA MORTE 4 partes

Última do PASSADO DE LOLA 4 partes

BREVEMENTE—AS AVENTURAS DE MACISTE—ESTREIA

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislando para os outros

DISCURSOS, LARACHAS & VOTAÇÕES

MENU: O presidente da República renuncia à renúncia. — Nos deputados choram-se os mortos. — O ministro dá as suas despedidas, apresentando o relatório do que fez. — A minoria socialista increpa o governo pelas violências exercidas contra o proletariado. — Prepara-se a receção ao presidente brasileiro. —

***** Aperitivos vários *****

Antes de começarem a funcionar se-
paradamente as duas câmaras, reuniu-
se ontem

Congresso da República

Tratava-se de saber a resposta dada pelo sr. Canto e Castro à comissão parlamentar que o procurava ante-
tem solicitando-lhe continuasse ocupando a presidência da República.

O sr. Correia Barreto, que presidiu à reunião conjunta das duas câmaras, de-
bata a boa nova: o presidente da Repu-
blica que, alegando motivos de saúde, renunciava ao seu elevado cargo, con-
sentiu em permanecer nele mal lhe falaram os altos interesses do Estado.

Ouvido o que falaram representantes de todos os lados da câmara, os socialistas inclusivé, manifestando rego-
nho extremo, e fazendo o elogio do al-
mirante Canto e Castro. Pôsto o que é
encerrada a sessão.

Deputados

O sr. Sá Cardoso quem preside à Junta, iniciada às 14,53. Proclamados os deputados por Faro e Funchal são lidos na mesa os telegramas em que os srs. Afonso Costa e Norton de Matos renunciaram ao seu mandato de deputados. Dão-se depois por anuladas as alterações feitas no regimento da câ-
mara durante a vigência dezembrista.

Ouvido o que falaram representantes de todos os lados da câmara, os socialistas inclusivé, manifestando rego-
nho extremo, e fazendo o elogio do al-
mirante Canto e Castro. Pôsto o que é
encerrada a sessão.

Desde as 2 da tarde Matinée e Soirée

A ESPIRAL DA MORTE 5 partes

Mamarracho na MULHER FATAL, 2 actos

A ZONA DA MORTE 4 partes